

Padre Pedro Marques

Intervenção na Sessão da Abertura Diocesana
do Sínodo dos Bispos 2021-2023,
Igreja de Santa Clara - Santarém, 17 de Outubro 2021

Iniciamos hoje, na nossa diocese, um processo sinodal inédito que o Santo padre quis estender a todas as igrejas locais, como verdadeira oportunidade de redescobrir e fortalecer a sinodalidade da Igreja, povo de Batizados. Fazemo-lo num tempo crucial marcado por tantas tempestades e perigos que se abatem sobre o mundo e sobre esta barca que é a nossa Igreja. Também por esta razão, este processo se revela como tempo oportuno de graça e de renovação no Espírito.

Aparentemente simples – caminhar juntos, é isto que significa sinodalidade – este «processo exigirá de todos nós a disponibilidade para aprender em conjunto e com humildade como é a Igreja que Deus nos chama a ser no terceiro milénio» como se diz num dos textos deste sínodo (Vademecum 1.1).

Esta dimensão sinodal da Igreja está já nas origens da fé cristã, como atesta o livro dos Atos dos apóstolos que designa os cristãos como “Aqueles que pertencem ao Caminho, quer homens quer mulheres”, podemos ler no cap 9, versículo 2. Somos, portanto, discípulos do Caminho, Daquele que é caminho, verdade e vida e não podemos senão caminhar juntos, sob pena de traírmos a nossa identidade e as nossas raízes.

De importância fundamental neste processo sinodal é a primeira etapa apresentada nos textos preparatórios deste sínodo: Escutar

«O sentido do caminho ao qual todos somos chamados consiste, antes de mais nada, em descobrir o rosto e a forma de uma Igreja sinodal, em que cada um tem algo a aprender. Povo fiel, colégio episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o Espírito da Verdade, para conhecer aquilo que “Ele diz às Igrejas” (DP 14).

Percebemos assim, a natureza espiritual do processo sinodal que se inicia pela escuta e nos conduz a uma segunda etapa: o discernimento, isto é, a compreensão e o acolhimento da vontade de Deus para cada um de nós e para a Sua Igreja. Procurar uma renovada fidelidade da Igreja à vontade de Deus é o sentido desta aventura espiritual em que, juntos sonhamos e “gastamos tempo com o futuro”.

Mas para caminharmos juntos, «é necessário que nos deixemos educar pelo Espírito para uma mentalidade verdadeiramente sinodal, entrando com

coragem e liberdade de coração num processo de conversão» (DP 9). Sim! Ainda aqui e talvez sobretudo aqui necessitamos de conversão.

Este convite a caminhar juntos põe também a claro o nosso individualismo, as distâncias silenciosas ou ruidosas a que nos habituamos, tantas vezes fruto da mágoa, da incompreensão, da falta de acolhimento e de amizade, de fraternidade não conseguida. Caminhar juntos introduz pois uma instância crítica à nossa preferência de caminharmos sós, ou então, apenas acompanhados por aqueles que fazem parte do nosso círculo afetivo, onde o nosso ego é reforçado e alimentado. Dispomo-nos a caminhar juntos, mas escutamos aqueles que dizem o que já pensamos, reforçando o nosso ponto de vista; aqueles que angariam para o nosso modo de pensar e sentir, não nos dando conta de que deste modo ferimos a comunhão fraterna e a oportunidade de diálogo entre todos - desistimos uns dos outros. Este é o caminho da polarização, a grande tentação e ameaça dos nossos tempos, denunciada abertamente pelo Papa Francisco na sua encíclica *Fratelli Tutti*: Todos irmãos.

Pode estar aqui a razão de alguma resistência, desinteresse e desconfiança perante esta iniciativa sinodal. Importa portanto redescobrir o ser e viver em Igreja como caminho onde se gera fraternidade e, como afirmou o papa na homilia da Eucaristia de abertura do Sínodo, todos estejam disponíveis para “aprender a ouvir-nos uns aos outros: bispos, padres, religiosos e leigos; todos, todos os batizados. O Espírito pede para nos colocarmos à escuta das perguntas, preocupações, esperanças de cada Igreja, de cada povo e nação; e também à escuta do mundo, dos desafios e das mudanças que o mesmo nos coloca. Não insonorizemos o nosso coração, não nos blindemos nas nossas certezas. Muitas vezes as certezas fecham-nos em nós mesmos. Escutemo-nos”.

Graham Greene, escritor inglês do século XX, num romance memorável, intitulado *Monsenhor Quixote*, imagina a aventura de um padre e de um militante comunista, seguindo os dois num velho carro, pelos caminhos de Espanha, numa espécie de fuga às autoridades da Igreja que pretendiam pôr na ordem este monsenhor excessivamente humano e carismático para o seu tempo. Num dos diálogos finais e depois de tantos desentendimentos e peripécias nesta amizade improvável, conseguem escutar-se de forma fraterna quando decidem finalmente falar não das suas certezas acerca da Igreja, no caso de monsenhor Quixote ou do partido no caso de Pancho, mas das suas dúvidas. Partilhar as dúvidas, as fragilidades, pode na verdade ser o ponto de partida de uma comunhão inesperada.

Caminhar juntos não indica um movimento uniformizador, de tornar todos iguais, mas pelo contrário, de ousar uma unidade que não destrói a identidade de cada um, de cada uma, antes a acolhe e valoriza, neste dinamismo do Espírito que dos vários membros forma um só corpo: uma unidade que

promove e acolhe a diversidade e não uma unidade que se alcança pela imposição de um ponto de vista, de uma perspectiva que se arroga o direito de se tornar universal e que pretende arvorar-se em verdade que todos deveriam acolher. Uma tal unidade, fruto do Espírito e de um caminho de escuta da Palavra de Deus e dos irmãos é o que designamos por comunhão.

Não devemos temer, portanto, abrir o nosso coração a este itinerário que se destina «a inspirar as pessoas a sonhar com a Igreja que somos chamados a ser, a fazer florescer as esperanças das pessoas, a estimular a confiança, a vendar as feridas, a tecer relações novas e mais profundas, a aprender uns com os outros, a construir pontes, a iluminar mentes, a aquecer corações e dar força às nossas mãos para a nossa missão comum» (Vademecum 1.3)

O caminho pode ser longo, desconhecido e até cansativo, mas certamente que nos reserva belas surpresas e a novidade que só o Espírito faz brotar nas Igrejas.

Na história iconográfica do oriente, um dos mais belos e conhecidos ícones marianos apresenta-nos Maria, Mãe de Deus, segurando o Menino Jesus num dos braços e, com a outra mão, apontando para Ele como quem indica O Caminho da Salvação – que é o próprio Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida. Por esta razão, este ícone recebeu a designação de “Hodegéttria” ou “Hodigíttria“, palavra que, em grego (Ὁδηγήτρια), quer dizer “A Mostradora do Caminho“.

Que Maria, mãe de Deus, a “mostradora do caminho”, cujo ícone temos aqui diante de nós, nos acompanhe nesta jornada que hoje iniciamos.